

## Nietzsche e Klossowski: do eterno retorno ao ciclo vicioso

João Pedro Azevedo Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nos aforismos de Friedrich Nietzsche (1844-1900), podemos encontrar afirmações um tanto antagônicas — antagonismos estes próprios de sua filosofia — em relação à França: ora entendida enquanto nação *décadente*, ora enquanto “a sede da cultura mais intelectual e mais refinada da Europa e a alta escola do bom gosto”. Isto posto, a recepção francesa de Nietzsche data desde final do século XIX: de Sartre a Foucault, de Bataille a Deleuze, numerosos intelectuais franceses foram leitores do autor de Zarathustra. Dentre estes, propor-nos-emos a analisar especificamente a interpretação de Pierre Klossowski (1905-2001) acerca do eterno retorno do mesmo, presente sobretudo em sua obra *Nietzsche et le cercle vicieux* (1969), com ênfase em seus apontamentos sobre a reformulação radical de Nietzsche da perspectiva filosófica tradicional sobre a relação pensamento-corpo. Por base metodológica, tomaremos aquela proposta por Mazzino Montinari (1928-1986), de ordem filológico-histórica, que considera não somente o sentido interno do texto, mas também o seu contexto histórico, a saber, o “reavivamento” de Nietzsche na França nos anos 1960 e 1970. Conclui-se, portanto, que a importância de Klossowski evidencia-se no fato de que as ideias presentes nessa obra foram posteriormente desenvolvidas por pensadores franceses associados ao “pós-estruturalismo” e ao “pós-modernismo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Friedrich Nietzsche. Pierre Klossowski. Eterno retorno. Ciclo vicioso. França.

« *Il n'y a pas d'individu, il n'y a pas d'espèce, il n'y a pas d'identité – mais rien que des hausses et des chutes d'intensité.* »<sup>2</sup>

(Nietzsche)

### INTRODUÇÃO: KLOSSOWSKI E O NIETZSCHIANISMO FRANCÊS

A figura de Pierre Klossowski (1905-2001) costuma aparecer – assim como Georges Bataille (1897-1962) e Maurice Blanchot (1907-2003) – nos estudos sobre os escritos dos anos 1960 de Michel Foucault (1926-1984), sobretudo aqueles acerca da literatura, que sucedem à publicação de *A história da loucura* (1961). Contudo, de modo algum poderíamos pô-lo em segundo plano, pois assim como Gilles Deleuze (1925-1995), autor de *Nietzsche et la philosophie* (1962), Klossowski foi importantíssimo para o reavivamento do interesse sobre

1 Discente do Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Bolsista de Iniciação Científica (IC) da UFPA, sob orientação do Prof. Dr. Ernani Pinheiro Chaves (UFPA). E-mail: [joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br](mailto:joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br).

2 “*Não há indivíduo, não há espécie, não há identidade – há somente aumentos e quedas de intensidade.*” (NIETZSCHE apud KLOSSOWSKI, 1969, p. 137). É de nossa autoria a tradução de todas as citações de textos em língua estrangeira.

a filosofia de Nietzsche na França durante os anos 1960/1970: sua principal obra, *Nietzsche et le cercle vicieux* (1969), em que reúne uma série de artigos, foi considerada por Blanchot “um dos escritos mais importantes sobre Nietzsche na França.” (JAMES, 2007, p. 210, apud WOODWARD, 2011, p. 81). O caráter fragmentário do livro – cujos capítulos tratam de temas distintos da filosofia de Nietzsche – de modo algum evidencia algum aspecto incongruente ou desconexo da obra, já que, fundamentalmente, Klossowski trata acerca da doutrina nietzschiana do eterno retorno. Por conseguinte, antes de propriamente adentrarmos nos temas propostos acima, i. e., o modo como Klossowski compreende a resignificação que Nietzsche faz da relação mente-corpo; e sua caracterização do eterno retorno do mesmo (*die ewige Wiederkehr des Gleichen*) como ciclo vicioso (*cercle vicieux*); tratemos de contextualizar *Nietzsche et le cercle vicieux* ao seu tempo.

Conforme nos aponta Marton, “até final dos anos 1950, o estatuto filosófico do autor de Zarathustra permanece ambíguo.” (2022, p. 103). Frequentemente descrito como um pensador cujas concepções seriam portadoras de elementos proto-nazistas, análise que se encontra sobremaneira em leituras tendenciosas do *Übermensch* – conforme foi empreendido pelo ideólogo nazista Alfred Baeumler (1887-1968), por exemplo –; ao final da Segunda Guerra Mundial, a filosofia de Nietzsche encontrava-se longe do centro do debate acadêmico francês, cujos “professores universitários se voltam para autores modernos como Husserl e Bergson, que consideram mais rigorosos.” (Ibidem). Segundo Wolfgang Müller-Lauter (1924-2001) indica-nos em sua principal obra *Nietzsche: sua Filosofia de Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia* (1971), o questionamento acerca do caráter filosófico da obra nietzschiana acompanha-o desde o início de sua recepção em seu país de origem, cujas considerações

vão desde declarar que esse pensador, por conta da confusão de suas afirmações, não deveria contar entre os grandes filósofos [...] [até considerá-lo] um poeta filosófico de quem não se poderia esperar nenhum rigor conceitual. [...] (MÜLLER-LAUTER, 2011, p. 28).

Por seu turno, na França, onde sua recepção data ainda do final do século XIX, não ocorreu de outro modo: “objeto de aversão ou fascínio, ódio ou idolatria, Nietzsche se converte em lenda antes mesmo de ser conhecido.” (MARTON, op. cit., p. 93). Documentada precisamente ao final dos anos 1990, principalmente nos trabalhos de Louis Pinto<sup>3</sup> e Jacques Le Rider<sup>4</sup>, a recepção francesa de Nietzsche caracteriza-se por inúmeras reviravoltas e diversos momentos, os quais oscilam entre a exaltação e a desqualificação: dado esse caráter cambiante, tratemos especificamente dos anos 1960 e 1970, época em que a leitura de Klossowski ganhará marcadamente destaque. Assim, neste contexto, Marton (2022) destaca um importante ponto de inflexão: é o ano de 1957, quando ocorre a defesa de uma tese de doutoramento – de Angèle Kremer-Marietti, intitulada *Thèmes et structures dans l'oeuvre de Nietzsche* – inteiramente dedicada à análise do pensamento nietzschiano. A partir daí, o

3 Cf. PINTO, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra: la réception de Nietzsche en France*. Paris: Seuil, 1995.

4 Cf. LE RIDER, Jacques. *Nietzsche en France: de la fin du XIXe siècle au temps présent*. Paris: PUF, 1999.

interesse acadêmico francês volta-se ao filósofo alemão: são publicados inúmeros estudos, de importantes intelectuais e escritores, como Jean Wahl (1888-1974), Henri Birault (1918-1990), Pierre Boudot (1930-1988) e Paul Valadier (1933-). Nesse período, pode-se destacar dois eventos: os colóquios de Royaumont, de 1964, e o de Cerisy, de 1972. Também é publicado o já citado *Nietzsche et le cercle vicieux* de Klossowski, que também traduziu o *Nietzsche* de Heidegger, além dos fragmentos póstumos e da *Gaia ciência* de Nietzsche. Posta a posição do intérprete francês em relação ao “nietzschianismo” na França, cujo papel de tradutor também foi importante, passemos às considerações acerca de sua interpretação.

## 1 IMPULSOS: A REFORMULAÇÃO DA RELAÇÃO MENTE-CORPO EM NIETZSCHE

Apesar de ser comumente comparado à obra de Deleuze e aos seminários de Martin Heidegger (1889-1976), o *Nietzsche* de Klossowski é “um texto único, singular e incomparável. [...] No fim [dessa obra], o leitor [...] experimenta uma vertigem total.” (ANSELL-PEARSON, 2000, p. 248). Embora seja possível estabelecer uma relação desse texto à obra de Bataille *Sobre Nietzsche* (1945), na qual o autor busca até mesmo “superá-lo” – o que se pode depreender a partir do título do escrito, *Sur Nietzsche*, cuja preposição *sur* pode indicar um traspassamento, ou mesmo a tentativa de uma superação do filósofo alemão, tal qual o *surhomme*<sup>5</sup> figura para Nietzsche como a superação do homem –, nele Klossowski “leva-nos ainda mais fundo nas profundezas traiçoeiras do pensamento de Nietzsche [...]” (Ibidem, p. 249), e o faz por meio da elaboração de conceitos próprios: são as noções de *impulsos*, *fantasmas*, *simulacra* e de *eterno retorno*. Nesse estudo, cujas citações advêm sobretudo dos póstumos do filósofo alemão, no segundo capítulo, o intérprete trata acerca da “radical reformulação de Nietzsche da tradicional visão filosófica da relação entre [o] pensamento e o corpo” (WOODWARD, 2011, p. 82). De início, nessa seção, intitulada *Os Estados Valetudinários e a Origem da Semiótica dos Impulsos*, Klossowski parte dos textos em que Nietzsche relata suas sucessivas crises, entre 1877 e 1881, as quais “levaram-no a examinar cada vez mais cuidadosamente *as forças que se revelaram através das perturbações do seu organismo*.” (KLOSSOWSKI, 1969, p. 39, grifo nosso). Aqui, “valetudinário” diz respeito ao estado débil da saúde de Nietzsche, cujas crises acompanharam-no até o fim de sua vida intelectual ativa, findada após seu colapso mental em janeiro de 1889. Já com “semiótica dos impulsos”, “Klossowski se refere à maneira que, para Nietzsche, [o] pensamento tem sua origem no impulso do corpo, mas esses impulsos são distorcidos ou invertidos no momento em que alcançam [a] consciência.” (WOODWARD, 2011, p. 82). Aqui, é possível melhor ver como o intérprete compreende que as crises nervosas e as cefaleias de Nietzsche, causas de sua debilidade física, acabaram por influenciá-lo na elaboração de sua filosofia. Sabe-se que “Nietzsche costumava fazer longos passeios a pé. Seus pensamentos lhe surgiam passo a passo, e então ele retornava para casa e trabalhava nas notas que havia escrito à lápis.” (KLOSSOWSKI, 1969, p. 47). Contudo, estas crises o impediam frequentemente de qualquer tipo de atividade intelectual, e, com isso,

5 *Surhomme* é a tradução mais corrente em francês do *Übermensch* de Nietzsche, e é o conceito adotado tanto por Bataille em sua obra, quanto por Klossowski.

o ato de pensar se tornou idêntico a sofrer, e sofrer a pensar. Desse fato, Nietzsche postulou a coincidência do pensamento com o sofrimento e perguntou o que seria um pensamento privado de sofrimento. Pensar o sofrimento, refletir sobre o sofrimento passado – como *a impossibilidade de pensar* – passou então a ser vivenciado por Nietzsche como a maior alegria. (Ibidem, p. 47-48).

Desse modo, a interpretação de Klossowski identifica que o filósofo alemão compreende o ato de pensar como *o resultado da deformação dos impulsos do corpo*, perspectiva que se contrapõe veementemente à tradição da filosofia metafísica. Ora, não por outro motivo que Nietzsche nos diz, por intermédio de seu principal personagem, que “desde que conheço melhor o corpo’ – disse Zarathustra a um de seus discípulos –, ‘o espírito é, para mim, apenas espírito por assim dizer; e todo ‘intransitório’ – é também apenas símile” (NIETZSCHE, 2018, p. 122); ou no *Crepúsculo dos Ídolos*, quando exclama: “Degradação dos instintos! [...] A mentira moral diz, na boca do *décadent*: ‘Nada tem valor – a vida não vale nada’ [...]” (Idem, 2017, p. 68). Essa mentira moral, sintetizada em somente um curto aforismo, é uma das expressões do *niilismo*, conceito que Deleuze define enquanto o “valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, *vontade de nada que se expressa nesses valores superiores*.” (DELEUZE, 2018, p. 189, grifo nosso). No niilismo, se despreza a vida e, conseqüentemente, o corpo e seus impulsos. Todavia, tal desvalorização não é um fenômeno recente. Quando em seu diagnóstico, define sua época – i. e., a segunda metade do século XIX – como fundamentalmente niilista, Nietzsche se refere à completude, ao ápice de um longo processo, cujo marco inaugural assenta-se sob Sócrates: a saber, “a equação socrática de razão= virtude = felicidade: a mais bizarra equação que existe, e que, em especial, tem contra si os instintos dos helenos mais antigos” (NIETZSCHE, 2017, p. 16), isto é, o instinto trágico dos gregos, desclassificado pela razão socrático-platônica, cujo busca pela Verdade, e ao fim, pelo Bem, desconsidera os impulsos e instintos do corpo.

A partir destes trechos de aforismos de Nietzsche, pode-se melhor compreender quando o intérprete afirma que, para o filósofo do martelo, “a consciência nada mais é do que a decifração das mensagens transmitidas pelos impulsos” (KLOSSOWSKI, op. cit., p. 52), cujo processo se dá necessariamente através da falsificação destes impulsos originários. Acerca dessa perspectiva interpretativa, pode-se confirmá-la quando Nietzsche busca explicar a gênese do lógico a partir do ilógico, na qual reitera que “o curso dos pensamentos e inferências lógicas, em nosso cérebro atual, corresponde a *um processo e uma luta entre impulsos que, tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos* [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 130, grifo nosso). Por conseguinte, torna-se evidente que Klossowski busca aprofundar as considerações nietzschianas acerca da relação mente-corpo, e de modo um tanto vertiginoso – conforme classifica Ansell-Pearson –, o intérprete francês afirma que “para entender Nietzsche, é importante ver essa *inversão* provocada pelo organismo: *o órgão mais frágil que ele desenvolveu* vem para dominar o corpo, pode-se dizer, por conta de sua própria fragilidade.” (KLOSSOWSKI, 1969, p. 53). A partir de agora, nessa dominação da consciência – que para Klossowski nada mais é do que o resultado da decifração das mensagens transmitidas pelos

impulsos, “decifração [que] é em si a inversão da mensagem [*le déchiffrement est en soi l'inversion du message*]” (Ibidem, p. 52) –, inverte-se a relação corpo-pensamento/consciência:

A atividade cerebral, graças à qual o corpo humano adota uma posição ereta [*station debout*], acaba por reduzir sua presença a um automatismo: o corpo enquanto corpo não é mais sinônimo de si mesmo: *instrumento* da consciência, ele se torna propriamente o homônimo da “pessoa”. (Ibid., p. 53).

Então, o que seria a identidade dessa “pessoa” (no original, *moi*) da qual Klossowski nos fala? Supostamente fixo e dependente “da *história irreversível* do corpo, [de um] encadeamento de causas e efeitos” (Ibid., p. 55), esse *moi*, na realidade, só existe na medida em que o corpo se encontra em constante modificação, em um movimento que sempre busca manter esta mesma fisionomia inalterada. Por conseguinte, “as idades do corpo são [...] somente os *movimentos impulsivos que o formam*, o deformam e tendem, em seguida, a abandoná-lo.” (Ibid.). Em síntese, diz-nos Klossowski, “o corpo é o resultado do acaso: é somente o lugar de encontro de um conjunto de impulsos individuais [...] que formam uma *vida humana*.” (Ibid., p. 53). Em suas flutuações de forças, em seus ápices e declínios, os impulsos expressariam nada mais do que Klossowski denominou de “singularidade obstinada’ da alma humana, que é por natureza incomunicável.” (SMITH, 2005, p. 9). Em sua filosofia não-sistemática, em que o aforismo assume a forma privilegiada de expressão do pensamento, Nietzsche “tenta traduzir essas forças de movimentos subterrâneos em palavras, imagens, raciocínios, e até mesmo refutações racionais. [Contudo], essa luta é em vão: seu pensamento fica confuso e suas ideias ficam obscuras” (CASTANET, 2014, p. 84); confusão que expressaria sobretudo a incomunicabilidade inerente dos impulsos, pois apesar de seu esforço e de ter posto seu próprio corpo como um campo de experimentos, Nietzsche não foi capaz de defini-los claramente ao elaborar sua ainda obscura doutrina do eterno retorno do mesmo. Postas estas considerações acerca dos impulsos, tratemos de melhor definir como o Klossowski entende essa doutrina de Nietzsche, ou melhor, como a compreende e elabora, a partir desta, sua concepção de *ciclo vicioso*.

## 2 ETERNO RETORNO DO MESMO, *CIRCULUS VITIOSUS DEUS*

No fundo, na interpretação de Klossowski sobre Nietzsche, “o tema central é sem dúvidas o do eterno retorno.” (WOODWARD, 2011, p. 87). Após analisar a relação entre a convalescença e a filosofia de Nietzsche, o intérprete francês situa, em seguida, suas primeiras considerações acerca do eterno retorno, em trecho que vale citar integralmente:

Há, em Nietzsche, uma primeira noção de fatalidade, que implica um curso irreversível, na medida em que o *moi* não pode escapar dele, e, à primeira vista, esse amor pelo *fatum*, e assim pelo irreversível, parece [ter sido] seu primeiro imperativo. Mas a partir da experiência do *Eterno Retorno*, que enuncia uma ruptura desse *irreversível uma*

*vez por todas*, se desenvolve também uma nova versão da fatalidade: aquela do *Ciclo vicioso*, que, precisamente, suprime [qualquer] finalidade e sentido, [já que] o começo e o fim sempre confundem. (KLOSSOWSKI, 1969, p. 55-56).

De início, tomemos como ponto de partida a conferência de Klossowski no colóquio de Cerisy. Em sua perspectiva, não se poderia mais distinguir e interpretar as doutrinas nietzschianas do eterno retorno da sua noção da(s) vontade(s) de potência como excludentes. Se para Heidegger “Nietzsche [...] só é o filósofo da vontade de potência porque é o doutor do eterno retorno, esta definição [...] pode [...] suscitar graves dificuldades, e isto a partir das declarações de Nietzsche.” (Idem, 1985, p. 11). Klossowski compreende que o autor de Zaratustra situa seu eterno retorno de dois modos: um primeiro, enquanto “a própria mola da vontade de potência”; segundo, em um sentido histórico, enquanto “a transformação do niilismo passivo em niilismo ativo” (Ibidem, p. 12), i. e., ativo na medida em que é destrutivo a três aspectos centrais “tanto da filosofia quanto da experiência diária: realidade, conhecimento e o *moi*” (WOODWARD, op. cit., p. 87). Nas palavras de Klossowski, o ciclo vicioso “tem o efeito de abolir o princípio de identidade, [...] [e] com as identidades, [abole] a significação dos atos, definitivamente, e necessita de sua repetição infinita numa total ausência de objetivo.” (KLOSSOWSKI, 1985, p. 12-13). Dada a completa falta de sentido da existência, então Klossowski destaca um paradoxo, tal como Zaratustra o afirma, segundo o qual *o querer é precisamente querer o que está para além da vontade*: ou seja, “a afirmação de cada instante como necessário inclui o reconhecimento de que o que ocorre está além do nosso controle consciente - o que é, *apenas é*.” (WOODWARD, 2011, p. 88). Enquanto doutrina que não pode ser ensinada, o “Eterno Retorno do Mesmo vem a Nietzsche como um *despertar brusco* no cerne de um *Stimmung*, de uma certa tonalidade da alma” (KLOSSOWSKI, 1969, p. 93), e, desse modo, não figura propriamente como um pensamento, mas aparece sobretudo como “excesso, uma força excedente, um crescimento libidinal.” (CASTANET, 2014, p. 108). No entanto, Klossowski enumera alguns pontos para que essas tonalidades da alma, esse *Stimmung*, passe ao pensamento. Ademais, resta responder: “como o sentimento mais elevado – *das höchste Gefühl*, o Eterno Retorno – torna-se pensamento?” (KLOSSOWSKI op. cit., p. 97). Primeiro, compreende-se que esta tonalidade da alma equivale a uma flutuação de intensidade; assim, o que deve ser tomado como objeto, para que ela passe de um impulso e se torne efetivamente um pensamento comunicável, é essa própria intensidade. Na crítica da cultura que Nietzsche estabelece, Klossowski identifica uma significação política oculta – de uma *conspiração* ou *complô* –, a qual busca compreender a partir da noção de ciclo vicioso. Em síntese, o intérprete francês nos diz que “Nietzsche propõe o eterno retorno como princípio de seleção em oposição à seleção gregária dos fracos sobre os fortes [...]” (WOODWARD, op. cit., p. 93). Acerca desse *complô*, Klossowski elabora:

Em oposição a esse apequenamento e adaptação do ser humana a uma utilidade especializada, é necessário um movimento inverso, a criação do ser humano que sintetiza, soma e justifica, para quem essa maquinação da humanidade é uma condição prévia de existência,

enquanto suporte sobre o qual ele possa inventar sua forma superior de ser. (1985, p. 14).

Desse modo, o *Übermensch*, essa forma superior, não diz respeito à transformação em um novo tipo de homem, mas sim a um novo tipo de *estado* do homem, o qual se dá fundamentalmente pela relação entre impulsos. Acerca desse aspecto da conspiração e de uma perspectiva política do eterno retorno<sup>6</sup>, talvez as considerações mais importantes de Klossowski, que vieram a influenciar pensadores do chamado pós-estruturalismo (Cf. WOODWARD, op. cit., p. 93-95), tratará mais detidamente no sexto capítulo da obra.

## CONCLUSÃO

Para Klossowski, portanto, “Nietzsche não é alguém que pensou para além da condição humana. Em vez disso, ele é uma máquina explosiva que dissolve a condição e que *sente* a dissolução de toda identidade e realidade [...]” (ANSELL-PEARSON, 2000, p. 255). Hoje, mais de 50 anos após as primeiras publicações da edição crítica da obra de Nietzsche (*Kritische Gesamtausgabe*), organizada por Colli e Montinari, pode parecer que leituras como a de Klossowski, de Deleuze, ou mesmo de Heidegger, que nos anos 1950 e 1960 foi considerado um dos grandes intérpretes de Nietzsche, soem um tanto equivocadas, ou no mínimo imprecisas filologicamente. Contudo, não se poderia concluir isto de modo tão apresado: em realidade, a grande força destes trabalhos interpretativos reside precisamente no fato de apoiarem-se em Nietzsche, e, a partir dele, sobretudo na obra de Klossowski, produzirem novos conceitos.

Logo, isto não só demonstraria a capacidade do intérprete em desenvolver novas concepções a partir da filosofia nietzschiana, mas também evidenciaria que a filosofia de Nietzsche, aforismática, fragmentária e não-sistemática, é grandiosa na medida em que abre espaço para novas interpretações e figura-se também enquanto ponto de partida para a criação de novos conceitos. Mais que “um signo gestual de interrogação a ser reintroduzido na *discursografia* foucaultiana, sobretudo quando se trata de avaliar a leitura e a apropriação que Foucault realiza do pensamento de Nietzsche” (GAMBOA MUÑOZ, 2021, p. 93), Klossowski foi um pensador cuja obra contribuiu não somente na interpretação de Nietzsche, mas também porque buscou expandir, em sua extensa obra, os limites da literatura. Se tomarmos a palavra de Foucault, o qual afirma que “a única homenagem válida ao pensamento de um autor, como ao de Nietzsche, é utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo sofrer e protestar” (FOUCAULT apud WOODWARD, 2016, p. 142), pode-se admitir que é precisamente essa utilização que Klossowski busca fazer em sua obra sobre o filósofo do martelo.

6 Para Smith, a doutrina do eterno retorno do mesmo, seria, segundo Klossowski, o “fantasma fundamental de Nietzsche.” Para uma descrição mais detida do que o autor chama de “economia klossowskiana”, Cf. SMITH, 2005, p. 14-20.

## REFERÊNCIAS

- ANSELL-PEARSON, Keith. *A superior existentialism*. 2000. Disponível em: <https://plijournal.com/papers/keith-ansell-pearson-a-superior-existentialism/>. Acesso em: 01 set. 2023.
- CASTANET, Hervé. Nietzsche: The Same, The Stimmung. In: CASTANET, Hervé. *Pierre Klossowski: The Pantomime of Spirits*. Bern: Peter Lang, 2014, p. 77-135.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- GAMBOA MUÑOZ, Yolanda Gloria. Klossowski: Um fantasma entre Nietzsche e Foucault? *Princípios: Revista de Filosofia* (UFRN), Natal, v. 28, n. 57, p. 89-102, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/22108>. Acesso em: 01 set. 2023.
- KLOSSOWSKI, Pierre. Circulus vitiosus. In: MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 11-30.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche et le cercle vicieux*. Paris: Mercure de France, 1969.
- LE RIDER, Jacques. *Nietzsche en France: de la fin du XIXe siècle au temps présent*. Paris: PUF, 1999.
- MARTON, Scarlett. Voltas e Reviravoltas: A Recepção na França. In: MARTON, Scarlett. *Nietzsche, "o bom europeu"*: A Recepção na Alemanha, na França e na Itália. São Paulo: Editora Unifesp, 2022, p. 85-119.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua Filosofia de Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- PINTO, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra: la réception de Nietzsche en France*. Paris: Seuil, 1995.
- SMITH, Daniel W. Klossowski's Reading of Nietzsche: Impulses, Phantasms, Simulacra, Stereotypes. *Diacritics*, Baltimore, vol. 35, no. 1, p. 8-21, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4621022>. Acesso em: 01 set. 2023.
- WOODWARD, Ashley. Klossowski's Nietzsche. In: WOODWARD, Ashley. (org.). *Interpreting Nietzsche: reception and influence*. London and New York: Continuum, 2011, p. 81-98.
- WOODWARD, Ashley. *Nietzscheanism*. Petrópolis: Vozes, 2016.